

CQC na encruzilhada: entreter ou informar?

Por Thiago Ferreira

A edição 200 do CQC, levada ao ar no último dia 01 de outubro, reforçou uma estratégia que o programa tem utilizado mais fortemente nos últimos meses: atuar no debate público nacional. Desde o início do ano, o programa tem se empenhado na campanha “Não Foi Acidente”, que pretende aumentar as penas para o motorista alcoolizado que tenha se envolvido em um acidente de trânsito. Na semana anterior à exibição da edição 200, o apresentador do programa Marcelo Tas participou de uma solenidade no Palácio do Planalto, a convite do Ministério dos Transportes.

Na matéria exibida sobre o tema, o repórter Oscar Filho faz piada, durante uma entrevista com o ministro Aguinaldo Ribeiro, sobre o convite: “Nunca antes na história desse País, um ministro ligou pro CQC. O que aconteceu? A gente fez alguma coisa de errado?”. “Não. Nós vimos o trabalho que vocês fizeram, voltado para o trânsito. A repercussão que isso teve nas redes sociais. Enfim, na juventude. Então, esse é um assunto que, sem dúvida nenhuma, tinha tudo a ver com o CQC”, respondeu o ministro, reforçando a suposta importância que o programa teve para o debate sobre o assunto e para a realização da campanha.

A matéria sobre essa campanha e a participação do CQC na solenidade não contou com nenhuma legenda fazendo piada e ainda teve a presença de policiais funcionando como fontes autorizadas para debater o assunto. Dois deles se portaram como especialistas no assunto e explicaram os limites de consumo de álcool que os motoristas podem ter e como o número de acidentes pode estar vinculado a uma mudança comportamental da sociedade.

Para um programa que se divide entre o humor e o jornalismo e cuja credibilidade é colocada, por isso, em dúvida por outros jornalistas, um reconhecimento de uma autoridade pública foi recebido com festa e utilizado de forma a reforçar o aspecto jornalístico do CQC. Ele se coloca como defensor do interesse público, ao se engajar nessa campanha. Na disputa discursiva que tem empreendido com jornalistas (leia outra crítica publicada sobre esse assunto [aqui](#)), o CQC, com essa postura, tenta mostrar que também é capaz de posturas sérias, sendo esta seriedade objeto de conversa entre o apresentador Marcelo Tas e a presidenta Dilma Rousseff.

“Eu também quero declarar que fiquei muito orgulhosa do CQC ter uma iniciativa dessa”, afirmou Dilma. “Eu fiquei até preocupado. A gente pode tá tomando juízo. (Dilma ri)”, declarou Tas. “O que é muito preocupante”, respondeu a presidenta, entre risos. Ou seja, o programa que, de um lado reforça seu aspecto de seriedade, por outro, quer deixar claro que não quer abrir mão da “falta de

juízo”. Ou seja, a articulação que o define desde seu início e que tensiona o campo jornalístico se mantém estrategicamente pelo programa.

Esta dualidade e discussão sobre os aspectos do CQC apareceram em outro momento do programa, quando os repórteres participaram de uma esquete em que foi exibida uma entrevista do ex-integrante do programa, Rafinha Bastos, ao Roda Viva, dizendo que o CQC estava se tornando um “programa bundão”. Mesmo que em tom de brincadeira, os repórteres Oscar Filho e Felipe Andreoli disseram concordar com a avaliação de Rafinha. Ainda que feita em forma de piada, uma clara auto-crítica.

O restante do programa, inclusive, deixou clara que esta dualidade é, cada vez, mais recorrente discursivamente. O Proteste Já sempre é apresentado como o “quadro sério” do programa e, cada vez menos, tem utilizado o humor como crítica. Entretanto, a articulação entre entretenimento e informação, tão característica dos primeiros anos do CQC, tem perdido espaço. Agora, em determinados momentos, o programa prefere a cisão, priorizando o entretenimento em alguns quadros e, ressaltando, em outros momentos, o aspecto informativo, como, por exemplo, o Proteste Já e a matéria da campanha.

A articulação entre as duas esferas é menor. Talvez um dos poucos espaços onde esta estratégia tão cara aos anos iniciais do programa ainda se mantenha sejam as matérias realizadas em Brasília com os políticos. O que era o maior diferencial do programa parece, há algum tempo, ter se tornado um dos seus principais problemas. Por isso, a postura de mostrar que é sério, ao mesmo passo em que diz estar preocupado por estar “ganhando juízo”. De fato, é muito preocupante, presidenta.